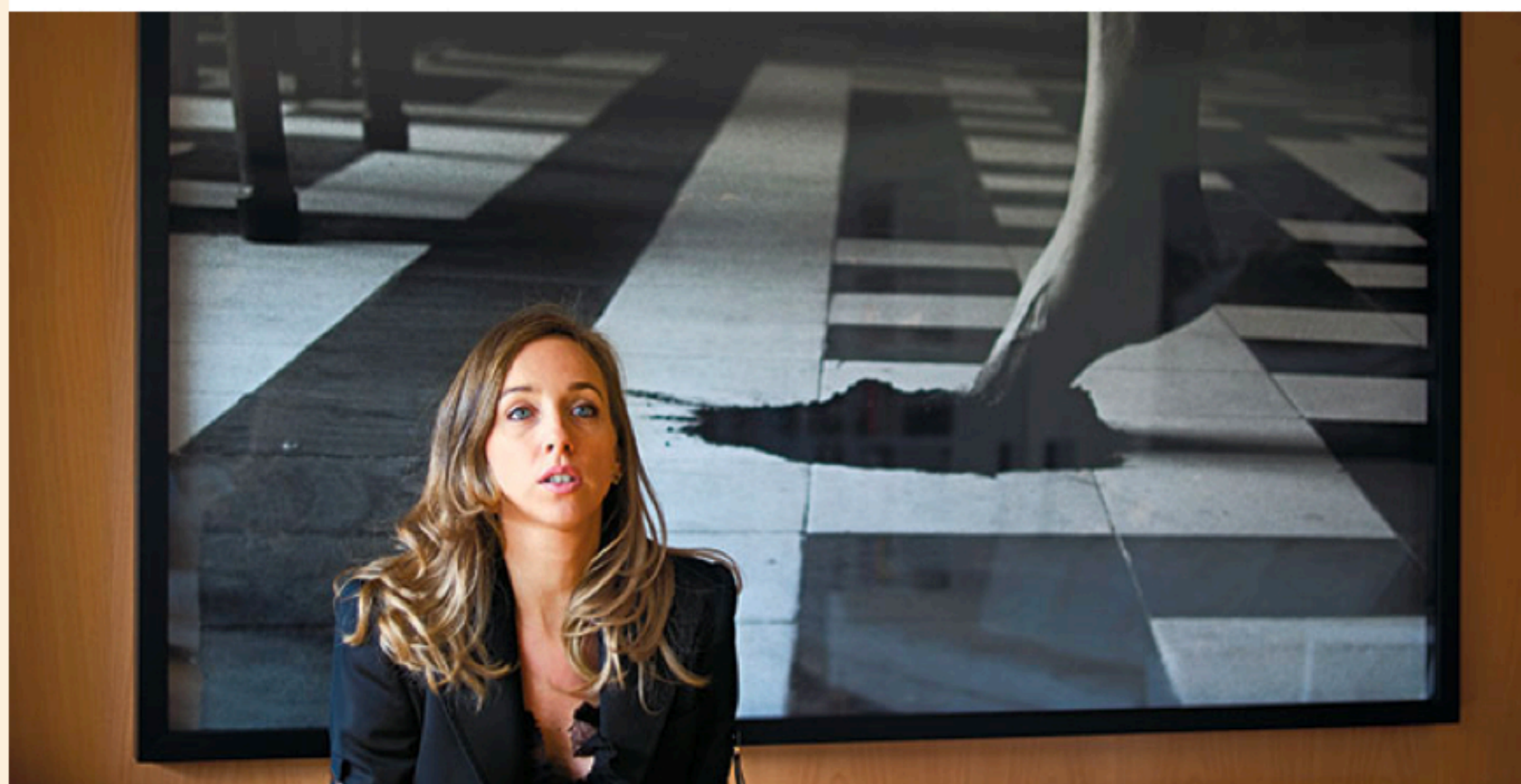


“Portugal está na moda e tenho esperança que isto tenha repercussão na arte nacional”

02 Ago 2015 [Catarina Melo](#)

Além de nomes consagrados, a consultora em arte destaca alguns jovens autores portugueses com potencial no universo da arte.



Estudou gestão na Universidade Católica do Porto, mas o mundo da arte é onde se move mais à vontade. A portuguesa Rita Almeida Freitas estudou nas melhores escolas de arte europeias como o Sotheby's Institute of Art e a Christie's Education. O seu percurso profissional inclui uma passagem pela Fundação de Serralves e pela Phillips de Pury & Company, uma das leiloeiras mais conceituadas do mundo, antes de decidir trabalhar por conta própria. Hoje está à frente da Imaginalis, uma consultora de arte sediada em São Paulo, viajando por todo o mundo pelas maiores feiras de arte em busca das melhores oportunidades para os seus clientes. Em entrevista ao Diário Económico a especialista em arte moderna comentou o recente boom no mercado de arte mundial e falou sobre o universo nacional, identificando alguns dos nomes lusos que na sua opinião podem constituir valores seguros numa perspectiva de investimento.

O mercado de arte tem estado no centro das atenções após recentes recordes atingidos em leilões internacionais. Estes valores têm sustentação ou estaremos perante uma bolha no mercado de arte?

Depende dos artistas e das obras aos quais nos referimos. Haverá sempre procura para as obras de arte de maior qualidade, e, para estes casos, não se verifica uma fadiga do mercado. Onde se verifica maior especulação é nos artistas mais jovens, muitos dos quais atingiram preços injustificáveis, na minha opinião. De qualquer forma, não acredito que o mercado de arte apresente uma bolha, mas ninguém sabe ao certo quanto mais espaço terá para crescer.

O que está a alimentar a subida dos preços da arte, sobretudo contemporânea?

Bem, isso deve-se, sobretudo à entrada de um novo grupo de multimilionários de mercados emergentes, assim como de investidores em busca de bens "reais" numa época de taxas de juro baixas e mercados voláteis. A crescente falta do valor fiduciário da moeda é também geradora de uma expansão da procura e logo dos preços. Também o acesso à informação, a crescente facilidade de viajar, a elevação do nível cultural, tudo são factores em crescimento que geram por si só o correspondente e proporcional interesse pelo mercado de arte. E porque arte contemporânea e não outro período? Sobretudo porque as pessoas se sentem mais próximas à arte do seu tempo.

O universo da arte internacional distancia-se em muitas casas decimais da realidade portuguesa. Contudo, em leilões recentemente realizados em Portugal também surgiram alguns valores mais elevados. O mercado de arte nacional é atractivo?

O mercado nacional tem-se revelado, de facto, mais atractivo. Recentemente, o Palácio do Correio Velho vendeu uma obra do Júlio Pomar por 350 mil euros. E, segundo a leiloeira, o número de clientes estrangeiros que se interessam por arte portuguesa também tem vindo a aumentar gradualmente. Portugal "está na moda" e tenho esperança que isto venha a ter repercussão na arte nacional. Assistiu-se a este fenómeno, por exemplo, no Brasil. As melhorias económicas e o estatuto de nova potência mundial ajudaram a dar destaque à arte brasileira e, apesar das dificuldades actuais do país, o interesse pelos artistas brasileiros continua forte. Relativamente às antiguidades portuguesas, estas sempre foram atraentes e hoje em dia ainda mais. Tanto que alguns museus orientais também têm vindo a adicionar mais destas peças às suas colecções, dadas as relações com estes países durante a diáspora portuguesa.

Da sua experiência, há muitos portugueses a olhar para a arte como estratégia de investimento? O perfil do investidor português em arte é muito diferente dos internacionais?

Diria que o perfil não é muito diferente dos coleccionadores internacionais. Já me deparei com ambos os tipos: os que colecionam sem considerar muito o valor futuro da obra e os que só compram se se sentirem seguros da futura valorização.

Mas, regra geral, em ambos dos casos todos tem como regra ter alguma ligação emocional à obra que estão a adquirir.

O perfil tipo de um coleccionador é bem diferente do perfil tipo de um investidor. Um investidor raramente se envolve emocionalmente com as suas compras, e muitas vezes também não convive com elas. Já um coleccionador experiente tem motivações muito distintas. Arte é o seu hobby, a sua paixão e não se cansa de procurar novos artistas (através da viagens a museus, feiras, ateliers, etc). Deve, no entanto, combinar esse sentimento com uma boa base teórica e um entendimento de como navegar no mercado de arte (seja sozinho ou com um 'advisor').

Há também vários coleccionadores que preferem aumentar a sua colecção e fazê-la crescer em importância ao invés de comprar e revender frequentemente.

Qual o valor mínimo para começar uma colecção de arte?

Aqui em Portugal até pode começar com 150 euros! Por exemplo, o Carpe Diem, um espaço extraordinário dedicado à arte contemporânea e à pesquisa em Lisboa, recebe diferentes artistas ao longo do ano e vende edições que esses mesmos artistas idealizaram especificamente para a casa. Estamos a falar de artistas de qualidade. Uma compra deste tipo irá obter uma grande valorização? Provavelmente não. Mas para quem gosta de arte e gostaria de ter uma obra, por exemplo, do José Bechara, é uma ótima oportunidade. Este tipo de iniciativas são bem-vindas e despoletam a paixão do coleccionismo.

No universo de artistas/autores portugueses existem valores seguros onde apostar? Quais os mais cotados a nível internacional?

Apesar de ser do conhecimento geral, não posso deixar de mencionar a Vieira da Silva e a Paula Rego, que são bem cotadas lá fora. Assim, como, por exemplo, a Joana Vasconcelos, que é a artista contemporânea que mais repercussão tem no estrangeiro. A artista Helena Almeida tem tido bastante mais procura e será objecto de uma grande retrospectiva que começará em Serralves, seguindo depois para Paris e Bruxelas.

Relativamente aos mais novos, o Diogo Pimentão e Carla Filipe são dois artistas que tenho seguido e gosto bastante. A obra de artistas como Rui Chafes ou Pedro Cabrita Reis acredito que está subvalorizada e poderá representar uma boa oportunidade de aquisição. Quando comparados com outros artistas internacionais com o mesmo nível, facilmente percebemos este facto.

Há alguma estratégia de selecção de artistas, movimentos artísticos ou categorias de peças a ter em conta na constituição de uma colecção de arte? Que categorias de peças devem estar incluídas?

Depende da visão e gosto de cada coleccionador. Há quem se decida focar num tipo de suporte (por exemplo, há colecções só de fotografia), outros num determinado período da história da arte (por exemplo, a colecção de Nicolas Cattelain foca-se sobretudo nos anos 60 e 70), outros ainda numa região do globo (colecção DSL que apostou na arte contemporânea chinesa). Ou até mesmo num tema. No último leilão da Sotheby's foram leiloadas obras pertencentes a uma colecção cujo tema era o dólar americano. Outros coleccionadores gostam de ter a liberdade de saltar de um tema para o outro e o importante é que cada obra lhes ensine algo. Enfim, as direcções que se podem dar a uma colecção são infinitas.

Mas, para mim, o importante não é tanto ter um tema ou focar em um período, mas sim nas melhores obras de cada artista. Os artistas também têm dias menos bons ou menos inspirados e o processo de selecção deve ser criterioso.

A arte pode ser vista como uma alternativa aos investimentos financeiros tradicionais? Este tipo de oportunidades não está vedado apenas a coleccionadores endinheirados?

Sim, hoje em dia muitas pessoas vêem a arte como uma alternativa. Dinheiro gera dinheiro. E no mundo da arte não é diferente. Quando o capital disponível é reduzido, então a aposta será nos artistas emergentes, mas o risco será muito maior.

Digamos que é como investir numa 'start-up': o risco é maior mas os retornos também podem ser bem consideráveis, dado o montante inicial de investimentos.

Para os coleccionadores mais arrojados, com 200.000 euros num portefólio, já se conseguem apostas mais firmes e seguras.

Qual o retorno médio possível de alcançar com este tipo de investimento?

Os estudos feitos neste sentido apontam para um retorno anual médio entre os 6,5 e os 10%.